

152
190

TÁBUA DE SALVAÇÃO

Mundurukus voltam à origem extrativista

Santarém (Celivaldo Carneiro) - A população indígena que vive na região do Alto Tapajós e forma a Reserva Indígena Mundurucânia, decidiu voltar à atividade extrativista como forma de evitar a destruição total de seus recursos ambientais. A decisão foi tomada em assembléia de suas lideranças, ocorrida na sede do Posto Indígena Munduruku, no início de outubro: cerca de 2.400 pessoas estiveram presentes.

Com a decisão, as lideranças indígenas imediatamente solicitaram o aumento da área territorial da reserva, reclamando que a primeira demarcação abrangia outra longa faixa de terra, que hoje já não lhes pertence. Atualmente, uma boa parte da reserva foi tomada por garimpeiros. Os índios querem a expansão da Reserva Mundurucânia até os limites com o rio Teles Pires, ao sul, rio das Tropas, ao norte, Serra do Cachimbo, a leste, e rio Tapajós, a oeste.

A assembléia realizada no Posto Munduruku contou com a presença de representantes da Funai, da Aeronáutica e do Ibama, representado por Nivaldo Martins. Ele contou que o encontro, coordenado pela Associação Indígena Puzaru, reuniu gente dos postos Teles Pires, Sai Cinza, Caburuá, Rio das Tropas, Mundurukus, Cururu e Caton.

A atividade garimpeira na região tem causado muitos problemas aos índios. Em busca de pequena quantidade de ouro, os garimpeiros acabam levando muitas doenças à tribo. Segundo Nivaldo Martins, o posto de saúde da aldeia tem aumentado consideravelmente o atendimento de casos de hepatite B e malária. Diante desse quadro, e depois de muitas discussões, eles encontraram na possibilidade de retornar à atividade extrativista uma possibilidade de manter o equilíbrio ecológico e proporcionar sustento às famílias.

Nivaldo explicou que, em vez de ir para o garimpo, o índio voltará a se dedicar à extração da castanha, seringa, breu, mel de abelha, còpafba e cumaru. "O indígena passará a temporada de colheita na mata, com a família, retornando logo depois à tribo",



Um dos caciques confere no mapa a expansão da reserva munduruku

disse o representante do Ibama. Ele prevê que nenhum maquinário de extração de ouro será aceito nos limites da Reserva Mundurucânia. Os já existentes terão que ir deixando a área paulatinamente.

Funai e Ibama resolveram se juntar para dar apoio aos projetos, juntamente com as missões religiosas da área e o Ministério da Aeronáutica. Segundo Nivaldo, para voltar à floresta, cada índio receberá verba de custeio através do Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Populações Tradicionais (CNDPT), órgão ligado diretamente à presidência do Ibama e destinado a financiar populações indígenas, extrativas, pescadores artesanais e comunidades organizadas de desenvolvimento sustentado, com verba do Banco Mundial, a fundo perdido.

Além de custear a volta dos índios ao setor extrativo, esse programa vai financiar um projeto de implantação de uma usina de beneficiamento de castanha-do-pa-

rá dentro da reserva. Essa usina vai facilitar a comercialização do produto, que já sairá beneficiado das mãos dos índios. Um projeto semelhante, de produção de borracha, está sendo apoiado pelo Ibama dentro da Reserva Mundurucânia. O produto está saindo do local em forma de placa bruta defumada, ganhando melhor qualidade e melhor preço.

Atualmente, segundo Nivaldo, existem 4,5 toneladas de PBD e 1.500 quilos de sernambi prensado, essa produção já deveria estar em Santarém, mas a estiagem deste ano está impedindo a subida de embarcações até a reserva. A borracha deverá ser transportada em avião.

A estiagem é tão grande na região, disse Nivaldo, que muitos afluentes pequenos do Tapajós já secaram, principalmente os que retêm grande número de garimpeiros em suas margens. "Os únicos afluentes que ainda alimentam o Tapajós são os que nascem dentro da Reserva Indígena Mundurucânia", finalizou.